



ARTIGOS LIVRES

10 *A circulação dos textos literários das mulheres negras no Brasil entre o período de 1860 a 1920: um estudo da trajetória de Maria Firmina dos Reis*

(The circulation of literary texts by black women in Brazil between 1860 and 1920: a study of the trajectory of Maria Firmina dos Reis)

(La circulación de textos literarios de mujeres negras en Brasil entre 1860 y 1920: un estudio de la trayectoria de María Firmina dos Reis)

Maíra Honorato Marques de Santana²

1. Doutoranda em Sociologia pelo PPGSOL/UNB, pesquisadora na temática do feminismo negro, investiga a formação do campo literário para escritoras e teóricas negras, pensamento social e a formação cultural brasileira. ID Lattes: <https://lattes.cnpq.br/4668323819268970>. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-2249-6997>.



Resumo – O objetivo deste artigo consiste em discutir o processo de consagração e circulação de texto de escritoras negras, em particular, Maria Firmina dos Reis, a partir do conceito de interseccionalidade, esboçado em suas primeiras questões por Ângela Davis (2016) e de trajetória social, elaborado por Bourdieu (1996 e 2003). A invisibilidade que as escritoras negras vivem suas experiências é bastante marcante, quando observamos no campo literário brasileiro o pouco reconhecimento e a consagração da atuação delas. Neste aspecto, percebemos que estudar mulheres negras, como destaca bell hooks (1995), sem pontuar as suas trajetórias, é uma falha metodológica, já que seus escritos trazem um fenômeno descrito por Conceição Evaristo como “escrevivências”, pois, os seus textos não conseguem se desligar da violência cotidiana à qual estão submetidas. A metodologia deste trabalho consiste em analisar a construção das instâncias legitimadoras que proporcionaram, a um só tempo, visibilidade e legitimação dessas autoras e de suas obras, ainda que tardia, conectando às suas questões emocionais à construção de suas narrativas.

Palavras Chave: Campo Literário; Maria Firmina dos Reis; Economia das trocas simbólicas; Escravidão; Período oitocentista; Brasil.

Abstract – *The objective of this article is to discuss the process of consecration and circulation of texts by black female writers, in particular, Maria Firmina dos Reis, based on the concept of intersectionality, outlined in its initial questions by Angela Davis (2016) and social trajectory, developed by Bourdieu (1996 and 2003). The invisibility in which black female writers live their experiences is quite striking, when we observe in the Brazilian literary field the lack of recognition and consecration of their work. In this aspect, we realize that studying black women, as highlighted by bell hooks (1995), without highlighting their trajectories, is a methodological flaw, since their writings bring about a phenomenon described by Conceição Evaristo as “escrevivências”, because their texts are unable to detach themselves from the daily violence to which they are subjected. The methodology of this work consists of analyzing the construction of legitimizing instances that provided, at the same time, visibility and legitimization of these authors and their works, albeit late, connecting their emotional issues to the construction of their narratives.*

Keywords: *Literary Field; Maria Firmina dos Reis; Economy of symbolic exchanges; Slavery; Nineteenth-century period; Brazil.*



***Resumen** – El objetivo de este artículo es discutir el proceso de consagración y circulación de textos de escritoras negras, en particular de María Firmina dos Reis, a partir del concepto de interseccionalidad, esbozado en sus primeras cuestiones por Angela Davis (2016) y de trayectoria social, elaborado por Bourdieu (1996 y 2003). Llama la atención la invisibilidad en la que las escritoras negras viven sus experiencias, cuando observamos en el campo literario brasileño el poco reconocimiento y consagración de sus acciones. En este aspecto, nos damos cuenta de que estudiar a las mujeres negras, como lo destaca bell hooks (1995), sin puntuar sus trayectorias, es un fracaso metodológico, ya que sus escritos traen un fenómeno descrito por Conceição Evaristo como “escritos”, ya que sus textos no logran desconectarse de la violencia diaria a la que son sometidos. La metodología de este trabajo consiste en analizar la construcción de las instancias legitimadoras que brindaron, al mismo tiempo, visibilidad y legitimación de estos autores y sus obras, aunque tardíamente, conectando sus problemáticas emocionales con la construcción de sus narrativas.*

***Palabras clave:** Campo Literario; María Firmina dos Reis; Economía de intercambios simbólicos; Esclavitud; Período del siglo XIX; Brasil.*



Introdução

Em *Mozart: sociologia de um gênio*, Norbert Elias (1995) afirma que o rei sofria duras críticas da corte austríaca quando não havia um músico que agradasse ou que elaborasse criações fora dos estilos legitimados por ela. Assim como os impasses vividos por Mozart, a literatura feita por mulheres negras no Brasil sofreu várias intempéries diante dos modelos canônicos vigentes em estágio diferentes momentos do espaço social literário neste país.

Antônio Candido (1985) já aponta à premência de se refletir sobre os caminhos percorridos pela narrativização de temas nacionais, o que evidencia, para ele, a centralidade da busca de uma identidade nacional, bem como as dificuldades encontradas pelas mulheres nesse mesmo contexto da literatura brasileira. Tal como ocorreu com muitas mulheres, Maria Firmina dos Reis, precisou reger uma série de relações para conquistar um espaço que lhe possibilitasse publicar os seus textos. Frente à problematização da posição das mulheres no campo literário, neste artigo, empregando o conceito de “trajetória Social” cunhado por Pierre Bourdieu (1996), procuro compreender melhor as dinâmicas de circulação da literatura negra no período imperial. Para tanto,

impôs-se como necessária uma análise interna e externa às obras aqui focalizadas. Por isso, do ponto de vista das prioridades de pesquisa e análise, concentro atenção nas esferas de dominação existentes dentro do universo do mundo artístico, em especial nas relações de autonomia e heteronomia dos escritores no campo literário em que se relacionam, focando no processo de consagração ou exclusão, bem como na profissionalização das atividades literárias. Privilegio as relações delicadas que Maria Firmina dos Reis buscou tecer com as dimensões de poder da época e que atravessaram o campo literário, isto é, na imprensa e no âmbito político, sabendo-se serem estas as instituições intrínsecas e formadoras da atividade literária no país, no período entre 1860 e 1920 (Micali, 2001). Segundo Bourdieu (1996),

O produtor da obra de arte não é o artista, mas o campo de produção enquanto universo ou crença que produz o valor da obra de arte como fetiche ao produzir a crença no poder criador do artista. Sendo dado como obra de arte só existe enquanto objeto simbólico dotado de valor se é conhecida e reconhecida, ou seja, socialmente construída como obra de arte por expectadores dotados de disposição e competência estéticas necessárias para conhecer e reconhecer como



² Este texto tem por base a pesquisa ora realizada para o projeto de tese de doutorado “Circulação dos textos literários das mulheres negras no Brasil entre o período oitocentista e a profissionalização das atividades literárias: um estudo de trajetória de Maria Firmina dos Reis, Carolina Maria de Jesus e Conceição Evaristo”, desenvolvido junto ao Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade de Brasília.

MAÍRA HONORATO MARQUES DE SANTANA

tal, a ciência das obras de arte tem por objetivo não apenas a produção material da obra, mas também a produção do valor da obra, ou o que dá no mesmo, a crença no valor da obra (Bourdieu, 1996, p. 270).

Portanto, as inquietações iniciais neste artigo consistem em realizar um estudo sobre a trajetória social de Maria Firmina dos Reis e conhecer a formação das instâncias legitimadoras do campo literário brasileiro, seu processo histórico, as mudanças que culminaram na autonomização do campo, bem como a consagração póstuma da escritora. Nas escolhas até agora feitas no encaminhamento da pesquisa², mantenho a certeza de que não existe a possibilidade de compreender a notoriedade da autora, ainda que póstuma, sem entender a própria autonomização do campo literário no Maranhão. Em acordo com esta intuição, vem se mostrando importante também avançar sobre a formação da sensibilidade estética da autora, relacionada com os aspectos emocionais e sociais da sua história de vida. Por certo, alcançar tal conjunto de questões extravasaria os limites deste texto. A opção de exposição e análise aqui se centrará tão somente em esboçar possíveis caminhos no aprofundamento de cada desses pontos.

Sobre os aspectos emocionais de Maria Firmina, à luz da reconstrução da sua trajetória, percebe-se que, desde a infância, a intervenção tanto de elementos que funcionaram como “cobertores culturais” quanto o papel exercido por motivações étnicas. Entendo estarem um e outro relacionados à condição *outsider* de Maria Firmina dos Reis em um contexto hostil às suas aspirações de autoria artística, sendo ela uma mulher negra. De acordo com Elias e Scotson (2000),

Costumeiramente, os membros dos grupos *outsiders* são tidos como não observantes dessas normas e restrições. Essa é a imagem preponderante desses grupos entre os membros dos grupos estabelecidos. Os *outsiders*, tanto ao caso de Winston Parva quanto noutros locais, são vistos — coletiva e individualmente — como anômicos. O contato mais íntimo com eles, portanto, é sentido como desagradável. Eles põem em risco as defesas profundamente arraigadas do grupo estabelecido contra o desrespeito às normas e tabus coletivos, de cuja observância dependem o status de cada um dos seus semelhantes no grupo estabelecido e seu respeito próprio, seu orgulho e sua identidade como membro do grupo superior (Elias; Scotson, 2000, p. 28).



Em se tratando da trajetória de Firmina, ainda criança, ela adquiriu o hábito ou gosto de ler obras raras, tais como Shakespeare, Gonçalves Dias, Lord Byron e outros/as escritores/as. A inclinação para as atividades literárias fora se manifestando em sinais como a forte relação com a religião, o empenho em compor uma tradição livresca (possibilitada na relação com seu mentor intelectual, Sotero dos Reis) marcante herança cultural entre frações de círculos literários no Maranhão; círculos nos quais pode experimentar o aprendizado proporcionado pela leitura e o estudo de obras admitidas como clássicas, com impacto no tipo de subjetivação relacionado à incorporação desses saberes traduzidos na *hexis* corporal que, gradativamente, a dispôs ao exercício literário. Algo assim, ainda que sujeito a reveses, lhe rendeu certas compensações sociais, em meio às relações atravessadas pelos estigmas corporais cujos alvos preferenciais alcançava a condição de mulher negra, em uma sociedade cuja cotidianidade da vigência do regime escravocrata se fazia cúmplice do aviltamento das margens de possibilidade de participação de mulheres fora dos limites da casa patriarcal (Miceli, 2001). Determinação de gênero com forte efeito sobre as mulheres brancas. Quando a referência eram as mulheres negras, desinvestidas do *status* de mãe e desqualificadas para ocupar o posto da senhora res-

peitável do lar, sobrava-lhes o ônus da reprodução social, seja como reprodutoras para a manutenção do estoque de mão-de-obra escrava, seja como força de trabalho forçado responsável pelo amplo montante de atividades de cuidado das famílias senhoriais.

Se o apuro estilístico, bem como o da linguagem, enriquecida por meio das complexas experiências vividas, fez de Maria Firmina dos Reis produtora de reflexões atemporais, mas que carregam uma caracterização bastante pontual desse universo escravagista e de tais relações patriarcais, atrelada à necessidade de compreender a sua cosmologia, levanta-se como incontornável a urgência de se investigar o processo de formação de um mercado de bens simbólicos no Brasil, no escopo do qual pessoas negras conquistaram a possibilidade de se individualizarem como sujeitos de criação artística. Dos resultados até agora obtidos na pesquisa documental, posso sugerir que as atividades jornalísticas, no que impactaram a modernização e a circulação das ideias no Brasil, também dispuseram meios a essa individualização. Ainda assim é importante matizar esse desenvolvimento com suas vicissitudes, porque ele não pode ser tomado às expensas da continuidade dos mecanismos institucionais vinculados ao parentesco em uma ordem social ruralista e escravocrata como a do Brasil do século XIX. No caso de Firmina



Reis, as interferências do seu primo, o já citado Sotero dos Reis – à época, um expoente do campo político e intelectual em São Luís –, jogaram um papel estratégico para que a triangulação estabelecida entre jornais, mercado editorial e o Estado oportunizasse a ela o lugar da autoria literária. O advento, sobretudo, a consolidação institucional do jornalismo no Brasil, com a ênfase posta na temporalização presentista e cotidiana dos fatos apresentados, mas também na individualização do leitor e na universalização dos temas abordados, no anverso da adoção de um código apto a facilitar a apreensão do conteúdo no menor tempo hábil, é perpendicular ao surgimento do romance como uma elaboração textual voltada igualmente à individualidade da recepção, no emprego da coloquialidade como tema e estilo de escrita, contando para isso com o aparato tipográfico da indústria editorial, inserido no contexto social desdobramento ao longo do Império no Brasil. O questionamento que move este artigo, justamente, toma por objeto de conhecimento as correlações dessas novidades com a delimitação de um lugar de autoria para mulheres negras na literatura oitocentista, mas à luz da trajetória de Maria Firmina.

Volto, uma vez mais, às proposições de Bourdieu com a finalidade de precisar o espaço social em que se plasma essa problematização. O campo lite-

rário, para o autor, é o espaço de produção dos bens simbólicos e emerge na contradição em agir “desinteressadamente” em relação ao capital econômico. Ainda assim, sublinha o sociólogo, ele surge pelo interesse em legitimar uma distinção por parte dos que participam/integram esse espaço social. Cabe, portanto, à sociologia da arte ou à sociologia da literatura desvelar os interesses inscritos na obra de arte, por levar ao lugar do pensado a posição e o destaque dos sujeitos na estrutura social restrita ao campo literário quanto àquela mais abrangente. Ao denominar que o campo literário tem leis específicas e atua em relação a menor ou maior dependência do escritor com as instâncias de poder, Bourdieu (2003) compreende que os artistas atuam ora conservando ora rompendo com as premissas existentes nesse mesmo arranjo de posições posicionadas.

O capital do artista é um capital simbólico e nada mais é senão de que a disputa de honra entre os cabilas do que as disputas intelectuais. Em várias disputas, o que está aparentemente em jogo esconde questões de honra (...). Este capital simbólico de reconhecimento é um *percipi* necessário nas crenças das pessoas engajadas no campo (Bourdieu, 2003, p. 181 – em itálico no original).



Bourdieu ainda destaca que, para os artistas aspirantes, imbuídos da *illusio*, isto é, do interesse em “jogar o jogo” das expectativas do campo literário, a oportunidade de participação, contraditoriamente, realiza-se negando as “regras” desse campo, quando investem na criação de um estilo autêntico e vanguardista. Há também os conservadores que, após terem suas obras consagradas, afirma o autor, passam a usufruir da legitimidade adquirida. Portanto, é cabível observar que as obras de arte são classificadas de acordo com o grau de autonomia ou de heteronomia dos seus produtores, mas se levando em conta as relações vigentes em determinado período do campo literário e, ainda, como tais interdependências estão intimamente relacionadas à estrutura deste mesmo campo em que se produz e reproduz a crença no fazer literário (Grenfell, 2018). Na perspectiva de Bourdieu (1996), cabe salientar que,

Essa taxonomia indígena, nascida da luta das classificações de que o campo literário é o lugar, tem por virtude lembrar que, em um campo ainda em constituição, a posição interna deve em primeiro lugar serem compreendidas como tantas umas especificações da posição genérica dos escritores (ou do campo literário) no campo de

poder ou, se quiser, como umas tantas formas particulares da relação que se instaura objetivamente entre os escritores em seu conjunto de poderes temporais (Bourdieu, 1996, p. 89).

Analisando a trajetória de Maria Firmina dos Reis, surge o seguinte questionamento: como podemos compreender sua ascensão, se ela não se encaixava no perfil do escritor tradicional da época, isto é, não pertencia aos estratos privilegiados da oligarquia? Embora a autora seja oriunda de uma família de classe média, ela não tinha os mesmos trunfos das frações de classe inscritas no círculo das elites maranhenses; ocupando a condição de mulher negra, vimos, ela estava excluída do círculo representativo e de comando de uma sociedade patriarcal escravagista. Neste sentido, como explicar uma consagração, mesmo de forma tardia da sua autoria literária?

Para os objetivos perseguidos neste texto, aposto no argumento de que os trunfos, em meio aos óbices vivenciados por Maria Firmina dos Reis, estiveram relacionados ao relativo acúmulo de capital cultural obtido a partir do saberes pedagógicos formais que foram decisivos ao desenvolvimento de sua competência nas letras. Esse argumento se respalda nas seguintes apostas quanto à trajetória dela, a saber: a) a escolarização privilegiada de que ela teve



acesso no Maranhão, na época em que aprendeu a ler. Somente 20 anos após seu nascimento, começavam a nascer as escolas públicas no Maranhão e, na ausência de escola pública ou particular para mulheres, contratados pelas famílias, os professores ensinavam de forma autônoma, em suas casas. O capital escolar que pode acumular, permitiu a Firmina dos Reis, a um só tempo, pleitear posição na literatura e portar o *status* de servidora pública, garantindo-lhe autonomia financeira e respeitabilidade ante a sociedade, o que lhe possibilitou transitar em várias esferas sociais e assim conseguir negociar e difundir os seus textos; b) ocorrerá o desenvolvimento avançado do campo literário em formação no Maranhão, que abrigava escritores como Gonçalves Dias, o próprio Sotero dos Reis, Aluísio de Azevedo, entre outros. A relação com seu primo teria influenciado a autora no sentido de despertá-la ou incliná-la para as atividades literárias, inserindo-se no caudal da tradição livresca; c) Nas relações com os jornais da época, o poder de influência da mediação exercida pelo primo colaborando para o seu ingresso nas nuances do campo literário.

À maneira de outras mulheres, ainda mais quando referida ao marcador social da raça, a violência vivida pela autora envolve uma complexidade digna de atenção sociológica. Embora tenha vi-

venciado os impedimentos sistêmicos impostos pelo regime escravagista, ela tem uma considerável aceitação pública dos seus escritos. Contudo, experimentou esse prestígio ocupando uma dupla posição no campo: de um lado, a de usufruir de benefícios pelas relações de fratria ou linhagem; de outro, de ser uma mulher negra e paralelamente lutar contra a escravidão. Desta modo, neste trabalho, empreendimento estará em comentar e analisar a sua legitimação de forma dialética, isto é, na concomitância existente entre o consumo de textos abolicionistas e a atmosfera muito hostil à presença feminina no campo literário brasileiro (Miceli, 2001).

Temáticas trazidas por Firmina dos Reis

Percebemos que nas temáticas presentes nas narrativas das obras de Maria Firmina dos Reis há sempre a humanização dos negros e a não a estigmatização deles. Neste sentido, ela apresentou os negros de forma crítica e enobrecedora, em contraponto ao que era observado nos romances da época. *Úrsula*, por exemplo, é ambientado no contexto patriarcal escravocrata, onde a protagonista homônima do título do romance tenta a todo custo fugir das perversidades de um rico e poderoso tio. Pratica-



mente toda a sua família – pai, melhor amigo e marido (com exceção de sua mãe) – é assassinada com vista a satisfazer o desejo patriarcal. Após o trágico desfecho, no qual vai parar nas mãos do tio antagonista, Ursula enlouquece, deixando entender que a alienação mental teria sido a opção que lhe restara para fugir do jugo sádico daquele parente, à quem foi concedido o perdão pelo círculos de sociabilidade em que o quadro de valores comuns acatavam a justificativa da superioridade do homem. A notar a trama de outro romance, *Gupeva*, vale acentuar que as práticas de incesto e o enlouquecimento são temáticas vertidas em convenções recorrente nas narrativas da autora.

Podemos dizer que há um esforço da escritora em humanizar os personagens negros e dar-lhes um contorno mais aproximado de indivíduos livres inscritos na experiência de uma sociedade amparada na equiparidade ontológica e jurídica entre os seus membros. Todavia, a autora não consegue fugir das “imagens de controle” estruturais tão presentes na sociedade brasileira da qual foi contemporânea, dentro das quais autoras negras são subalternizadas. Respalhada no argumento de Collins (2020), essas imagens de controle nada mais são que estereótipos construídos desde o Brasil Colonial, a exemplo dos enquadramentos da empregada doméstica, da ama

de leite e da mulata sensação, reproduzidos através dos espaços de construção de representações e ideologias tais como a literatura e a ciência. As imagens de controle decorrem da condição estratégica dessas instituições na produção de posições de dominação. São estratégicas, pois nelas filtram-se elementos que, para além de atualizar, constroem os imaginários acerca das relações raciais no país. Dentre elas, sobressai a relação com a maternidade das mulheres negras. *Úrsula*, vale observar, morre no momento de fragilidade, quando há a possibilidade de ser mãe (Duarte; Tolentino; Barbosa; Coelho, 2018). O desfecho da personagem é heurístico das imagens de controle das mulheres negras, porque sinaliza o mito do “ninho roubado”, ou seja, a um mecanismo incisivo da escravidão sobre o corpo das escravizadas. Aos lhe ser retirados o acompanhamento e criação dos próprios filhos, dos quais eram separadas pouco depois de nascerem, a elas estava reservada a função forçada de se dedicarem integralmente ao cuidado das famílias senhoriais. Tal como descrito por Ângela Davis (2016), essas mulheres enfrentaram a intersecção entre gênero e raça, sintetizada em tipificações, como a da mulata sensação, a negra mula de carga, a empregada subserviente, gentil e amorosa que é mãe afetiva de filhos que não são seus. Tais imagens de controle estavam na contrapartida



² Este texto tem por base a pesquisa ora realizada para o projeto de tese de doutorado “Circulação dos textos literários das mulheres negras no Brasil entre o período oitocentista e a profissionalização das atividades literárias: um estudo de trajetória de Maria Firmina dos Reis, Carolina Maria de Jesus e Conceição Evaristo”, desenvolvido junto ao Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade de Brasília.

MAÍRA HONORATO MARQUES DE SANTANA

no impedimento da maternidade, logo da própria subjetivação como mulheres, para serem objetivadas como matéria-prima à serviço da reprodução do regime patriarcal-escravista (Bento, 2024).

Talvez, seja verossímil propor estar a finalidade principal do romance *Ursula* na denúncia sutil encenada no afeto entre a protagonista e o personagem Tancredo, seu primo. Para além do parentesco e mútuo sentimento, os dois tem em comum a posição de vítimas da estrutura social, já que suas mães são respectivamente atingidas indiretamente pelo desejo dos homens. Se Maria Firmina dos Reis faz recurso às convenções da ficção romântica, em particular, reitera o drama em torno de um amor impossível entre um jovem casal heterossexual, o deslocamento imposto pela escritora aos cânones do romantismo literário se manifesta na marcação racial negra de Úrsula. Com isto, ao mesmo tempo em que procura denunciar o genocídio impetrado às mulheres, revela a dinâmica de violência física e simbólica, intrínseca a um sociedade constituída em torno de valores patriarcais. A autora aponta a autoridade exercida pelos personagens masculinos ao descartar suas esposas, irmãs e, no reverso da medalha, o emprego do assassinato em nome da masculinidade. Para além disto, em seu texto há um fenômeno pouco percebido na literatura romântica da época, como análogo aci-

ma, que é a recorrência do incesto, a relação amorosa entre familiares, principalmente entre homens mais velhos e mulheres mais novas. O pai de Tancredo, tio da personagem principal, assedia moralmente a esposa, impondo-lhe seguida pressão psicológica, com a finalidade de descartá-la em nome da realização do desejo que tinha pela filha adotiva, Adelaide. Movido pelo mesmo padrão emocional do patriarca, com o objetivo de sustentar o seu romance com Adelaide a qualquer custo, ele assassinou tanto marido quanto o cunhado da jovem. A escravidão se mantém como pano de fundo do desenrolar da trama, Em algumas passagens se torna a motivação principal da interação entre os personagens. O diálogo entre Túlio e a Suzana é bem ilustrativo a respeito, porque ambos, imersos nas contingências da violência cometida sobre os seus corpos e ante a insegurança quanto ao futuro, rememoram os tempos que antecederam o desterro, lembra do deixaram na África, sobretudo a família. Mas não conseguem esquecer das estratégias adotadas pelos traficantes na captura dos que foram submetidos, as condições precárias e asfixiantes do transporte para o Brasil e as torturas que foram cometidas contra eles. Anotados esses aspectos, a obra de Firmina dos Reis se manteve à contramão do quadro dos romances publicados, ainda em 1860, do crescente apelo idilizante da miscigenação como



dinâmica de composição étnica da população nacional, no movimento inverso pelo qual se apagava a submissão dos povos indígenas e se omitia por completo a escravidão no Brasil.

Trajetória, trunfos, *handcaps* e campo literário

Para além da temática escravidão, a existência da humanidade negra sempre esteve presentes nos discursos abolicionistas correntes em diversos jornais da época. Contemporâneos a Maria Firmina dos Reis, homens como João da Cruz e Souza (1861-1898), Luiz Gama (1830-1882), Auta de Souza (1876-1901), também outras mulheres, à exemplo de Luciana Abreu (1847-1880), estiveram empenhados/as na vocalização dos sofrimentos, mas igualmente das lutas e ainda das formas de simbolização e das modos de vida adotados pelos africanos e descendentes, em um país escravocrata. Entretanto, no conjunto das representações internas às obras literárias, é indistigível o apagamento completo ou quase total dos negros como produtores de cultura e de conhecimento. A própria trajetória de Maria Firmina dos Reis explicita a exclusão das pessoas negras do cânone, mais especificamente das mulheres. Ela publicou nos mais diversos jornais no Brasil, mas teve suas obras literárias profundamente rejeitadas por

um círculo erudito presente na época. Desta perspectiva, entendo como fundamental para os objetivos da pesquisa que subsidia este texto, observar os traçado dos caminhos de consagração de escritores/as negras por meio da consulta aos acervos jornalísticos. No conjunto destes, pude constatar as vias, muitas vezes tortuosas, pelas quais literatos atravessaram para que seus escritos tivessem algum reconhecimento na sociedade. A meu ver, por equívocos metodológicos e mesmo conceituais, mas relacionados à incidência de uma valoração obediente aos cânones do que é consagrado como literatura legítima, isso significa que muitos dos trunfos usados pelos escritores nas mais diversas produções intelectuais voltadas para jornais, mais também para outras tantas dimensões, podem estar esquecidos ou totalmente silenciados, afinal, são invisibilizados ao serem categorizados como partes de acervos de “menor” prestígio.

Volto à trajetória de Firmina dos Reis. As suas principais obras foram: *Úrsula* (1859), *Guapeava* (romance de temática indigenista, 1861), *Cantos à beira-mar* (poesia, 1871), *A escrava* (conto antiescravista, 1887) e *Antologia Poética Parnaso Maranhense* (1861), todas desconhecidas de um público mais geral, fora de São Luís. Contudo, ela atuou fortemente em vários periódicos do Maranhão: o Fede-

3 O florescimento do Movimento Negro, bem como a investigação de vários grupos de pesquisa, tais como o 'Mulher e Literatura' em um grupo de Trabalho da Associação Nacional de pós-Graduação e Pesquisa em Letras e Linguística (ANPOLL), paralelamente ao crescimento de associações negras não governamentais, bem como o aparecimento de uma intelectualidade negra deram margem ao fortalecimento destas teias de investigação da literatura negra.

MAÍRA HONORATO MARQUES DE SANTANA

ralista, o Pacotilha, o Diário do Maranhão, a Revista Maranhense, o País, o Domingo, o Porto Livre, o Jardim das Maranhenses, o Semanário Maranhense, o Eco da Juventude, o Almanaque de Lembranças Brasileiras, a Verdadeira Marmota, o Publicador Maranhense e a Imprensa. Nesses periódicos, na época, os seus escritos obtiveram razoável visibilidade, considerando o público estrito, alfabetizado e com condições de arcar com os custos da compra de jornais. Já observei que, no período oitocentista, o romance de folhetim nascia desta intersecção da imprensa com o mercado literário, Bourdieu (1996) conclui sobre ter esta uma etapa fundante do romance moderno. Já a complexidade do mercado editorial brasileiro se deixa perceber pelo número de editoras ainda no Período Imperial e a volumosa quantidade de romances em circulação no Brasil, por meio do formato do folhetim. As pouquíssimas editoras não dariam conta de publicar a maioria dos textos e por isso, antes de serem publicados como livros, muitos dos romances eram publicados nos jornais. Isto quer dizer que muitas das expressivas obras literárias, as mais importantes do romantismo, no período imperial, circulavam no compasso da distribuição e acesso aos jornais. A trajetória autoral de Maria Firmina dos Reis fora indissociável da formação do mercado editorial brasilei-

ro. Formação igualmente decisiva à a expansão do processo de libertação feminina e, principalmente, das vocalizações a favor da abolição da escravatura (Alonso, 2015).

No sumário da sua biografia, sabemos que Maria Firmina dos Reis nasceu em São Luís (1822–1917) e realizou muitos dos seus investimentos literários em pleno período escravocrata e senhorial. À época classificada racialmente como “mulata” e subjetivada como uma bastarda, vimos, morava na casa de uma tia materna, melhor situada economicamente. Lá aprendeu as primeiras letras, foi educada por sua tia Henriqueta e pertencia ao núcleo materno da família de Sotero dos Reis, que, vimos, exerceu forte influência sobre sua trajetória, o que pode ser observado nos poemas que ela dedicou a ele. Em 1847, tornou-se professora primária e em 1881, aposentou-se. Com a sua aposentadoria, ela fundou a escola mista no Maranhão, mas logo após teve que fechá-la em virtude das pressões políticas da época³. Há, no entanto, um hiato temporal entre a publicação dos textos literários de Maria Firmina dos Reis e a repercussão destes nos círculos legítimos da literatura no Brasil; suas obras só ganharam a devida atenção quando Horácio de Almeida acha o seu livro *Úrsula*, em um sebo no Rio de Janeiro.



Importante ao exercício de reconstrução aqui, foi o reaparecimento de um álbum de recordações deixado por ela, que data de 1885, que tem textos valiosíssimos para entender a sua trajetória, e que representam as estratégias mobilizadas pela escritora diante de um cenário inamistoso para as mulheres para as mulheres negras. Tal compêndio traz vários registros de mais de um século e aborda a rotina de sua vida. Doravante, irei fazer uso de alguns dos conteúdos desse álbum, qualificando-o como fonte documental na reconstrução da trajetória da escritora.

Já pontuei as peculiaridades da trajetória da autora que auxiliam no entendimento da sua inserção na literatura. Não obstante, permanecem elípticas as margens socioestruturais que circunstanciaram o seu ingresso no cenário das letras. Assim, faz-se necessário voltar às tramas das interações, mas levando conta como estava equacionada articulação da estratificação social (calcada na natureza e funcionamento do sistema econômico) com a possibilidade de mobilização de redes de contato na acomodação de uma mulher negra no espaço restrito da autoria literária. Sérgio Miceli (2001) aponta estarem nos arranjos familiares os trunfos que poderão incidir para o melhor posicionamento de um escritor no campo literário.

Neste sentido, Firmina dos Reis teve a seu favor uma vasta rede de influências tecidas por Sotero dos Reis entre círculos literários prestigiados na capital maranhense, na medida também em que transitava entre as oligarquias. Ora, estas últimas tem por matriz os grupos beneficiados em relação à propriedade fundiária com o advento do retalhamento espaço colonial brasileiro nas capitanias hereditárias. Permaneceram em situação privilegiado quando aquela porção se tornou parte do recém-desmembrado Estado do Maranhão, posteriormente transformado em Grão-Pará e Maranhão, em razão da extração e comércio de ervas amazônicas. Reintegrado ao território brasileiro, no século XVII, bem mais tarde a região conheceu um vigoroso crescimento econômico por conta da exportação de algodão que subsidiou à produção têxtil inglesa, durante o período da Guerra de Independência dos Estados Unidos, até então o maior fornecedor dessa matéria-prima agrícola. O incremento da vida urbana, e nela da atividade literária, deu-se no andamento desse ciclo de prosperidade, no qual São Luís será denominada como a “Atenas brasileira”, mas em franca sintonia com as frações de classe agraciada com os dividendos do ciclo econômico algodoeiro, integrado ao regime escravista (Fernandes, 2020).



Além de ser um dos maiores expoentes do campo literário na época, Sotero dos Reis colaborou como articulista para jornais, além de fundar outros. Ele dirigiu o *Liceu Maranhense*, um dos colégios referências na região, onde só era permitido o ingresso de homens, em sua maioria recrutados nas famílias mais abastadas. Certamente, foi ele que influenciou na entrada de Maria Firmina dos Reis no ensino primário. Naquela época era comum a educação ser feita através de um preceptor cujo papel foi realizado por sua tia, Henriqueta Cândida, uma das raras professoras de primeiras letras da região, na rua ribeirão, onde lecionava desde 1830. Sotero dos Reis, morava na rua 39 e mantinha-se próximo a Leonor. Exercia o cargo de Inspetor da Instrução da Província, equivalente ao secretário estadual de educação, posição que lhe ajudou a conseguir o ingresso de outros parentes da autora no ensino público primário. Maria Firmina dos Reis só se distanciou de Sotero dos Reis quando foi aprovada num concurso público na cidade de Guimarães, em 13 de agosto de 1847.

No que toca ao acesso de Maria Firmina dos Reis ao espaço das letras, ainda que em posição subalterna, o manejo dos trunfos angariados ao longo desses trajetos, aliando origem familiar a acúmulo de capital educacional, se concretizou na maximização da habilidade rara naquela época, que era ler

e escrever. Esta qualidade “técnica” lhe favorecia em meio à dinâmica na qual a expansão do jornalismo deixa brechas a serem ocupadas por pessoas que podiam potencializar o letramento formal às habilidades literária. O modelo em vigência de jornalismo não se definia pelo relato comprometido com a objetividade de exposição dos acontecimentos. Inspirado nos ditames do Iluminismo, pautava-se na tarefa da universalização do esclarecimento, ainda que fosse para âmbitos restritos de leitores. Estritamente comprometido com tomadas de posição na esfera pública, estando os conteúdos expostos nos jornais obedeciam à sua linha editorial, a função de reportar os fatos era secundário frente ao imperativo da opinião esclarecida/esclarecedora. O papel funcional do articulista detinha bem mais relevo, o que irá se alterar com a conversão dos jornais em diários ocupados com a publicação de notícias apresentando aos leitores situações do cotidiano (Ribeiro, 2004). É correto admitir que a projeção angariada por ela esteve atrelada ao lugar privilegiado de editor que seu primo possuía. No período de 1956 a 1961, Sotero dos Reis, assumiu a redação do *Publicador Maranhense*, o jornal mais prestigiado do Maranhão, com duas tiragens por ano. Não é por consciência que, no mesmo período, a escritora conseguiu publicar *Úrsula* pela tipografia Progresso. Também não foi por

⁴ Os jornais pesquisados foram *O Pacotilha*, *O Publicador Maranhense* e *O Seminário Maranhense* entre o período de 1842 até 1900. Nesses jornais foi possível fazer um recorte da maioria das instituições da época, pois, havia poucas diferenciações entre elas, e o meio de comunicação oficial do Estado eram os jornais.

⁵ Esses registros foram encontrados inéditos que encontrei, e não estão presentes no maior portal de informações acerca de Maria Firmina dos Reis, o *Portal Firminas*, nem no *Blog* de Sérgio Barcellos Ximenes (pesquisador responsável pela descoberta de inúmeros registros sobre Maria Firmina dos Reis), nem em teses e dissertações abordando a escritora.

acaso que o anúncio do lançamento de *Úrsula* fora citado por mais de 50 vezes, em diferentes periódicos. Considerada o alcance da rede de contatos do seu primo no posicionamento da autora no espaço das letras, a atuação de Maria Firmina dos Reis em vários jornais, porém, ultrapassou essa contribuição pelo parentesco, em grande medida resultou da sua habilidade em traduzir para o jornalismo opinativo o domínio do código erudito da língua, mas com sua capacidade de estilizar esse manejo.

A literatura de Maria Firmina dos Reis aponta, por outro lado, à tensão existente no campo literário da época, em termos da batalha existente no plano ideológico, em um contexto do acirramento das contradições e conflitos existentes no Brasil relacionados à continuidade da escravidão. Já havia um grande contingente de negros libertos no país, conforme destaca Lélia Gonzales (2020), o que insuflou a repercussão das ideias abolicionistas e também acirrou o recrutamento de ativistas e simpatizantes para a causa. Os jornais da época⁴ refletiam as rasuras no sistema escravagista. Era possível encontrar registros dos mais diversos tipos, desde anúncio de venda ou busca de escravos fugidos, sentenças de penas de alguns escravos por vadiagem, ou simplesmente por se encontrarem-se embriagados na rua. Ao mesmo tempo, eram publicadas as descrições da

situação física de alguns escravos que estavam fugidos; o dilaceramento físico, os cortes no rosto, eram marcas das violências infringidas à população escravizada. Vinham a público anúncios com a denúncia feitas também nos jornais do estado de sofrimento dos escravos. Sobre essa contradição, manifesta nos embates de opiniões acerca da escravidão visibilizados nos jornais, a atuação de Maria Firmina dos Reis encontrou terreno propício para conferir visibilidade aos seus escritos.

A amortização dos condicionantes raciais e de gênero, na trajetória da autora estão diretamente referidos ao seu *status* de funcionária pública e formadora de opinião na região onde vivera. Um e outro aspecto lhe renderam diversos registros em jornais da cidade. As viagens que realizou, as licenças que retirou, a sua aposentadoria⁵, várias outras questões referentes à sua vida profissional e financeira. Com a consulta esses jornais, principalmente, ao *Publicador Maranhense* e a *Pacotilha*, pude verificar que ela solicitou, em 19 de novembro de 1879, uma licença sem vencimento de forma que continuasse a receber seus provimentos, solicitação que lhe foi concedida. Também é reportado o desconto mensal do valor do aluguel de sua sala que utilizava como escola. A notoriedade de episódios da sua vida nos periódicos evidenciam que a escritora gozou de certo reconhe-



cimento perante as instituições governamentais e deteve determinado prestígio, o que justifica a publicação desses mesmos fatos. Assim, na consulta dos periódicos, percebi algo recorrente: as homenagens feitas às pessoas que morreram. Muitos dos poemas avulsos de Maria Firmina possuem esse cunho, neles se tece homenagens às pessoas ilustres que morreram. Também era comum o jornal citar a passagem da própria escritora pela cidade de São Luís, como modo de homenageá-la no momento de sua aposentadoria. Outro episódio que chama atenção diz respeito à renovação da sua licença do trabalho por uma segunda vez, mesmo sem estar com toda a documentação comprobatória, ela consegue a renovação da licença para tratamento de saúde, fato que gerou um forte rebuliço entre os funcionários do governo. Neste sentido, talvez seja correto inferir a relevância auferida por sua imagem pública no Maranhão. As licenças lhe facultaram, no período de 1860 a 1890, a realização de diferentes atividades não restritas à docência. O exame deste corpo de documentos, todavia, igualmente revelou o fato de sua morte não ter sido registrada nos obituários dos jornais, levando a concluir sobre o ostracismo a que foi relegada.

Considerações finais

O encaminhamento até agora da pesquisa em que se calca este texto, enseja a premissa de que, já na época de Maria Firmina dos Reis, existia um público consumidor e letrado leitor dos mais variados jornais no Maranhão. Teria sido este o esteio institucional para o conjunto de trunfos ela acumulara, entretendo prestígio e conhecimentos classificados como legítimos e relevantes, desdobrassem-se em ganhos simbólicos e no seu reconhecimento póstumo no campo literário. São as mesmas condições sociais que teriam possibilitado a formação de textos abolicionistas e que teriam favorecido, ainda que incipientemente, a emergência de um *habitus* de consumo dos bens simbólicos voltado às pessoas negras na sociedade, em contradição com o sistema escravocrata que vigorava na época.

As mudanças ocorridas na estrutura de sensibilidade da época, bem como a complexificação do Estado, e o progressivo aumento de taxa de alfabetização da população por meio da escolarização, foram fundamentais para o período de disseminação da cultura escrita no Brasil. No contexto de implantação do jornalismo no país, um traço se mostrou característico da relação dos escritores com a imprensa: não atuavam em instâncias autônomas, já que toda a



sua atividade intelectual provinha da imprensa, que era dominada pelos setores oligárquicos. A maioria dos escritores mantinham relações com esses setores oligárquicos que comandavam o país, pois, também eram os donos dos jornais (Miceli, 2001). A trajetória de Maria Firmina dos Reis confluiu com a pré-organização de instituições literárias no Brasil, sem as quais não seria possível desenvolver o mercado livreiro no país. Essas instituições assentaram-se principalmente nas atividades jornalísticas que se imiscuíram ao poder político da época. Vimos que a escritora esteve bastante vinculada à imprensa, sendo nesse âmbito onde experimentou certa ascensão em termos de *status*, por meio do reconhecimento como articulista.

Podemos dizer que a complexidade dos textos de Maria Firmina dos Reis, na poesia, no romance e nos contos, é reflexo do mundo múltiplo que a autora vivenciava. Herdou das leituras de obras identificadas ao cânone da literatura ocidental a qualidade e o refinamento da escrita. Se adotou, ainda que reciclando, as fórmulas do romantismo, premida pela consagração desse estilo como cânone literário nacional no Segundo Império; por outro lado, incorporou elementos do realismo, antecipando-o a partir da sua experiência *outsider* no campo, a qual a coloca em profunda reflexão crítica da sociedade e da

própria literatura, bem como a impulsiona a inaugurar um estilo autêntico neste mesmo espaço social voltado à produção e circulação de bens estético-literários. Neste sentido, parafraseando Pierre Bourdieu (1996), não é possível fazer uma análise de sua obra sem conhecer as dimensões sociais que a circundam, já que a análise interna não sobrevive sem a análise externa.

Portanto, escrever este artigo é antes de tudo remexer os escombros da memória de um país que engatinhava no que tange à prática da própria liberdade. Denunciar, por meio de das narrativas a favor da libertação da população negra escravizada, não somente significava por fim a uma rotina a que esse amplo conjunto étnico-demográfico estava submetido aos linchamentos, as penúrias sociais, os estupro e os assassinatos cometidos contra eles, o que também revela a anulação da subjetividade, sentida simbolicamente pelas pessoas negras até os dias de hoje. Significava também libertar os brancos e um país de um jugo social, político e econômico, quando se observa que o sistema escravocrata representava um atraso mediante às novas transformações ocorridas na Europa e no mundo. Ao mesmo tempo, entendendo que degradação paulatina da ordem senhorial, tal como nos apresenta Florestan Fernandes (1975), destaca as feridas sócio-históricas e existenciais dei-



MAÍRA HONORATO MARQUES DE SANTANA

xadas pela escravidão – às quais ainda continuam abertas –, chagas postas nos acontecimentos aqui encadeados como momentos da trajetória de Maria Firmina dos Reis.

Neste sentido, a narrativa da autora se mostra atual, quando a intenção é interpretar os fenômenos do Brasil contemporâneo. A desagregação que os negros vivenciam na narrativa de *Úrsula*, bem como a misoginia percebida nas estatísticas de feminicídio no país, principalmente quando falamos de mulheres negras, são traços que ressaltam que essas subjetividades ainda são as mais atingidas pelos pela estrutura social desigual que define a sociedade brasileira. O renascimento dos textos da autora e a dimensão que sua obra ganhou 150 anos depois de produzida, vem em auxiliar da tentativa de interpretar este país que ainda na década de 1950 linchava negros, simplesmente por desagradarem a qualquer ordem senhorial, ou por terem a ousadia de frequentarem os espaços públicos, como as escolas e as universidades. Neste sentido, não há como não relacionar literatura à política, o que denota se manter este um urgente objeto de debate.



Referências

- ALONSO, Angela. **Flores, votos e balas: o movimento abolicionista brasileiro (1868-88)**. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.
- BENTO, Berenice. **Abjeção: a construção histórica do racismo**. São Paulo: Bregantini, 2024.
- BOURDIEU, Pierre. **Razões práticas: sobre a teoria da ação**. Campinas: Papirus, 2003.
- BOURDIEU, Pierre. **As regras da arte: gênese e estrutura do campo literário**. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.
- CANDIDO, Antônio. **Literatura e sociedade: estudos de teoria e história literária**. São Paulo: Nacional, 1985.
- COLLINS, Patrícia Hill. **Interseccionalidade**. São Paulo: Boitempo, 2020.
- DAVIS, Ângela. **Mulheres, raça e classe**. São Paulo: Boitempo, 2016. 248 p.
- DUARTE, Constância Lima; TOLENTINO, Luana; BARBOSA, Maria Lúcia; COELHO, Maria do Socorro Vieira (org.). **Maria Firmina dos Reis: faces de uma precursora**. Rio de Janeiro: Editora Malê, 2018.
- ELIAS, Norbert. **Mozart: sociologia de um gênio**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1995.
- ELIAS, Norbert; SCOTSON, John L. **Os estabelecidos e os outsiders: sociologia das Relações de Poder a partir de uma Pequena Comunidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. 2000. 224p.
- FERNANDES, Florestan. **A revolução burguesa no Brasil: ensaio de interpretação sociológica**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1975.
- FERNANDES, Jomar. **Economia maranhense de 1890 a 2010: superexploração e estado oligárquico**. São Luís: EDUFMA 2020.
- GONZALEZ, Lélia. **Por um Feminismo Afro-Latino-Americano: ensaios, intervenções e diálogos**. Rio Janeiro: Zahar. 2020. 375 p.



MAÍRA HONORATO MARQUES DE SANTANA

GRENFELL, Michael. **Pierre Bourdieu: conceitos fundamentais**. Petrópolis, RJ: Vozes. 2018.

MICELI, Sergio. **Intelectuais à brasileira**. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

O PUBLICADOR DO MARANHÃO. São Luiz: O Publicador do Maranhão, 1879. Edição 269, p. 01.

O PUBLICADOR DO MARANHÃO. São Luiz: O Publicador do Maranhão, 1879. Edição 269, p. 05.

O PUBLICADOR DO MARANHÃO. São Luiz: O Publicador do Maranhão, 1880. Edição 040, p. 02.

RIBEIRO, Lavina. **A institucionalização do jornalismo no Brasil: 1808-1964**. Rio de Janeiro: E-Papers, 2004.

